



PRÁTICAS EM EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Antropologia no som: a extensão de um mundaréu de histórias

Soraya Fleischer - <https://orcid.org/0000-0002-7614-1382>¹

Daniela Tonelli Manica - <https://orcid.org/0000-0001-8014-9996>²

¹Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, DF, Brasil, fleischer.soraya@gmail.com

²Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil, dtmanica@gmail.com

RESUMO

Neste texto, apresentamos uma prática em extensão universitária. A Antropologia é uma área científica que pouca gente conhece, com um nome estranho e pouca visibilidade pública. O Mundaréu é um podcast de divulgação científica da área de Antropologia. Criado em 2019, este projeto interinstitucional vem investindo em apresentar as formas de pesquisa, de escrita, de debate que a área desenvolve. Aqui, contaremos do projeto a partir dos objetivos da Antropologia, dos desdobramentos do som e da potência das histórias vividas conjuntamente entre antropólogas e suas interlocutoras.

PALAVRAS-CHAVE

Antropologia; Podcast; Divulgação científica; Extensão universitária.

Anthropology in sound: the outreach of a world of stories

ABSTRACT

In this paper, we present a practice in university outreach. Anthropology is a scientific area that few people know about, with a strange name and with little public visibility. Mundaréu is a scientific dissemination podcast in the field of Anthropology. Created in 2019, this interinstitutional project has been investing in presenting the forms of research, writing and debate that the area develops. Here, we will talk about the project based on the goals of Anthropology, the possibilities of sound and the power of the stories lived together between anthropologists and their interlocutors.

KEYWORDS

Anthropology; Podcast; Scientific dissemination; Outreach.

Submetido em: 14/01/2024 – Aprovado em: 28/10/2024 – Publicado em: 19/12/2024

1 ANTROPOLOGIA?¹

A Antropologia é uma área científica que pouca gente conhece. Com um nome estranho, com pouca visibilidade pública. Entomologistas, proctologistas e sismólogos, por exemplo, devem passar por estranhamentos semelhantes. Não somos uma área autoexplicativa, por um lado, e isso faz parte do coração do que constitui a Antropologia. Por outro lado, o significado da prática antropológica precisa ser preenchido a depender das relações mantidas com as pessoas durante a pesquisa de campo. É na relação de pesquisa, em diálogo entre pesquisadores e comunidades, que alguns entendimentos sobre o que é a Antropologia vão sendo construídos coletivamente.

Já numa escala mais “macro” de política, de captação de recursos, de embate científico, a não visibilidade da disciplina não a favorece: perdemos em compreensibilidade, diálogo e também aplicabilidade. Motivadas por essas problemáticas, que incidem diretamente sobre a extensão da Antropologia, criamos em 2019 um podcast chamado *Mundaréu*, um projeto realizado em parceria interinstitucional entre o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo/Unicamp, universidade da segunda autora e o Departamento de Antropologia/UnB, universidade da primeira autora².

No *Mundaréu* queremos falar com as pessoas que fizeram a pesquisa junto conosco e com essas pessoas presentes na conversa. No estúdio, na plataforma *online* ou mesmo no local onde a pesquisa está acontecendo, ao colocarmos antropólogas e comunidades em diálogo, partilhamos um mundo de interlocução (Fleischer e Manica, 2023). E quando entramos nesse mundo com elas, podemos ver a Antropologia sendo feita no calor da hora. Uma participante traz uma ideia, a outra complementa. Por vezes, elas discordam e chegam ainda a uma terceira ideia, ou então uma história nova é contada ali, durante a gravação do episódio.

Isso nos permite conhecer como aquela antropóloga lida com uma informação nova. Que perguntas que ela devolve, que perguntas ela responde. Como é que as duas – antropóloga e interlocutora – se envolvem, como vão estabelecendo ali uma interpelação mútua entre elas. A interlocutora pode contar como conheceu a pesquisadora, o que que ela achou que a pesquisadora estava fazendo ali na cidade dela, no bairro, na aldeia, na fábrica, por exemplo. Se suas opiniões sobre essa antropóloga foram mudando com o tempo, isso acaba aparecendo na conversa.

O *Mundaréu* é, portanto, uma forma de sabermos como se faz o cotidiano científico na Antropologia, com enfoque sobre este modo de trabalho que envolve as pesquisadoras e as suas

¹ Este texto derivou da apresentação de Soraya Fleischer na mesa de encerramento da XIII Semana de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, em 19 de novembro de 2021. A apresentação original está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4AHEWlou4U>. Agradecemos pela transcrição feita por Jorge Alves e Estéfani Moraes (Unicamp) e pelo convite para participar do evento feito por Julia Bonnet e Eva Scheliga (UFPR).

² <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>

comunidades de interlocução. Isso acontece ali na nossa frente, enquanto os microfones estão ligados, presencialmente ou não. O *Mundaréu* é um projeto de ensino, pesquisa e extensão que se apresenta como uma proposta de divulgação científica, pretendendo explicar o que é Antropologia pro público mais amplo. Nossa opção ao desenhar o projeto foi mostrar **como fazemos** Antropologia e não apenas os resultados finais, ou os conselhos mais amadurecidos, ou as frases e conceitos de impacto que usamos pra interpretar o mundo. Não é algo finalístico e terminável, mas um trabalho em progresso. A Antropologia já faz isso como parte da sua epistemologia específica. O *Mundaréu* só continuou com essa tradição, levou isso para outra esfera, para o mundo do áudio, para um projeto de divulgação científica.

2 SOM?

Nos nossos textos e em nossas aulas, temos diferentes estratégias para apresentar “a voz” do outro. As ideias destas pessoas que nos ensinaram tanto durante a pesquisa. As aspas, por exemplo, indicam que aquela frase é de outra pessoa. Separa aquela ideia da nossa, de quem está escrevendo aquele texto, e a nossa voz continua parágrafos adiante. O recuo de parágrafo também, como sabemos, para frases como mais de três linhas, indica que a ideia é de outra pessoa. Mais ainda do que as aspas, o recuo separa, graficamente, a frase dela da nossa. Inclusive, acreditamos que reduzir esse trecho que foi recuado para uma fonte menor (como a ABNT nos exige) implica, simbolicamente, também reduzir aquela voz. Algumas leitoras, inclusive, tendem a simplesmente “pular” essas citações. Porque é difícil de ler, por estar em espaçamento menor, em itálico, em outra língua, em outro tipo de narrativa, ou o que for.

Mas se quisermos acrescentar algo que não é verbal, se a ideia é comunicar o tom ou a atmosfera em que essa frase foi dita pela interlocutora, temos que nos esmerar em boas descrições de contexto, de figurino, de expressão facial, de entonação. Às vezes, lançamos mão de estratégias gráficas, como, por exemplo, o “gritar” que é comunicado por letras maiúsculas, a redução drástica da fonte para indicar um sussurro ou o negrito para enfatizar uma palavra ou um trecho que foi particularmente destacado ao ser dito. O texto escrito também pode representar diálogos entre pessoas como nas estratégias narrativas do teatro e da dramaturgia, com o emprego de travessões, colchetes, parênteses, dois pontos para indicar quem está falando.

O *Mundaréu* não privilegia o texto em si. Temos roteiros para o episódio, mas a dimensão que mais importa é o som. E foi isso que mais nos animou para adotar o podcast como mídia de comunicação científica. O áudio compreende muitos sons. Primeiro, tem a voz da dupla que foi entrevistada. Ouvimos como a antropóloga fala da sua pesquisa, ouvimos como a interlocutora fala do encontro que aconteceu por conta dessa pesquisa. Então, essas duas pessoas já estão ali falando por si. Não precisamos de aspas, nem de recuo. Afinal, é tudo em primeira pessoa. As vozes são diferentes, têm timbres próprios, têm intensidades, sotaques, ritmos de fala, há uma ordem escolhida para as palavras, as ideias. Muitas vezes, é a voz de sujeitos invisibilizados historicamente (Fleischer, 2023). É possível, sem explicações ou legendas, perceber quem está falando de cada vez. Conseguimos acompanhar também quando a pessoa pausa para pensar ou porque

pintou algum sentimento e precisou de um fôlego extra depois de se emocionar. Aquele silêncio se impõe, quando ela ri, quando ela funga, interrompe a fala.

Mais para além dessas duas vozes tem as outras também, as nossas, como anfitriãs. Há ainda vozes nos trechos de materiais que, às vezes, importamos de outras fontes para ilustrar, mostrar uma ideia. Tem a música de abertura, que escolhemos a dedo, pela letra, pelo ritmo, pelo pertencimento regional. Ou uma música sugerida pela dupla porque traduzia bem o tema da relação, da conversa. Por exemplo, o episódio “A gente vai no boca a boca”³, da primeira temporada do *Mundaréu*, é sobre a Pavuna, um bairro do Rio de Janeiro. A música escolhida ajuda a ambientar aquele local, por onde antropóloga e interlocutora caminharam juntas. O episódio sobre as Práticas Integrativas Complementares em Saúde, “Quando samsara é nirvana e nirvana é samsara”⁴, traz um mantra meditativo. Sons gravados durante a Marcha de Mulheres Indígenas, um protesto público com seu colorido de vozes e de gritos, nos convidam a nos transportarmos ali para as avenidas de Brasília no episódio “Vozes na universidade e na floresta”⁵. A música, a letra e seus instrumentos vão nos embalando emocionalmente. Nos ajudam a viajar junto com essas histórias que estão sendo contadas.

Os silêncios, os barulhos, o som ambiente da gravação e da pesquisa compõem a paisagem sonora dos episódios. Às vezes, são erros; às vezes, são sons propositais para trazer mais uma camada de ideias. Um dos episódios da série “Mundo na sala de aula” traz uma série das nossas “áudiocassetadas”, momentos em que tivemos uma falha técnica para falar dos bastidores de produção e, para além da gravação, para falar como podemos lidar com o erro na pesquisa e na extensão⁶.

Ao pedirmos autorização aos músicos que embalam o *Mundaréu*, temos a chance de falar com eles também sobre Antropologia, expandindo o público que nos conhece. E como o episódio ajuda a divulgar o trabalho deles como músicos, eles também compartilham o nosso trabalho com seus fãs nas suas redes sociais. Esse tipo de oportunidade dada pela música e pelo som permite desdobrar os objetivos do podcast. Vozes, sotaques, ambientes e músicas nos ajudam, assim, a traduzir e a expandir a Antropologia.

3 EXTENSÃO?

Fazemos pesquisa, extensão, ensino e divulgação científica. Uma área do conhecimento muito centrada na leitura e na escrita, como a Antropologia, tem, assim, a oportunidade de apurar também os ouvidos. Essa é mais uma ferramenta pedagógica para aprimorar habilidades para fazer trabalho de campo. A boa escuta é necessária para desdobrar as perguntas, para notar vozes silenciadas e aviltadas, para

³ <https://mundareu.labjor.unicamp.br/7-a-gente-vai-no-boca-a-boca/>

⁴ <https://mundareu.labjor.unicamp.br/episodio-2/>

⁵ <https://mundareu.labjor.unicamp.br/5-vozes-na-floresta-e-na-universidade/>

⁶ <https://mundareu.labjor.unicamp.br/2-mundo-na-sala-de-aula-audiocassetadas-quando-o-erro-vem-entre-aspas/>

provocar o *status quo*. A boa escuta ajuda também depois, para desenvolver a escrita e as descrições dos diários de campo, para identificar demandas e pensar articulações entre as questões trazidas pelas comunidades e as competências da Antropologia. Sala de aula, campo e caixas de som – percebemos o podcast como uma atividade polivalente.

A experiência com as comunidades, com a interlocução entre entrevistadas, com as estratégias de divulgação em sala de aula e nas redes sociais são todas oportunidades de aprendizado para a própria equipe de estudantes que nos acompanha (Ferrari et al, 2023; Planalto, 2022; Ribas e Noronha, 2022; Contreiras, 2022; Kurrle, 2021). O *Mundaréu* sempre reúne mais de uma dezena de estudantes da Unicamp e da UnB, em diferentes etapas de formação (da graduação ao doutorado), e de diferentes áreas (Ciências Sociais, Música, Pedagogia, Midialogia, Jornalismo, Farmácia). Um mundaréu de gente. É uma equipe interdisciplinar, interinstitucional, intergeracional e também que tem somado, ensinado e aprendido, em todas as etapas de produção dos 56 episódios (e contando!) que já foram publicados.

E a intenção é fazer a Antropologia chegar a outros corações, em outras caixas de som e fones de ouvido, tendo como foco sobretudo nossas estudantes, suas famílias e também suas comunidades. O podcast vira material didático dentro de sala de aula; gravar entrevistas permite aprender técnicas de pesquisa, categorização e análise de dados; editar o áudio oferece uma oportunidade de aprender uma habilidade profissional e também a hierarquizar e classificar as ideias centrais das secundárias; e os momentos de audição coletiva, em casa e na vizinhança, ajuda a traduzir para a família e os amigos, o que é, afinal, Antropologia. Extensão, ensino e pesquisa que podem se beneficiar da mídia em áudio. O uso dos podcasts em Antropologia é recente, mas há um imenso potencial que está dado em sua metodologia de produção: a pesquisa de campo e a extensão em diálogo estreito com as comunidades e depois a divulgação destas trocas na podosfera⁷.

É preciso render tributo ao acúmulo de extensão que temos na Antropologia, ampliá-lo e fortalecê-lo. Inclusive, extensão no formato de áudio, como as experiências com programas de rádios comunitárias, com a digitalização e disponibilização de músicas e cânticos, com os repositórios de entrevistas gravadas com tantos sujeitos e interlocutores diversos. Etnomusicologia, Etnocenologia, História oral, Sociologia clínica, Estudos sonoros, Comunicação em rádio, tantas áreas próximas e em estreito diálogo com a Antropologia que podem, juntas, produzir, utilizar e divulgar ideias novas e pensamento crítico por meio de podcasts.

O Mundaréu tem nos feito refletir sobre qual extensão fazer, como, com quem, com qual linguagem, por qual meio. Precisamos escrever sobre nossos projetos de extensão, é sistematizando e publicando estas experiências que estaremos ampliando conhecimentos, inclusive sobre o que é, como é feita e para quem serve a Antropologia. Pelas vozes, as músicas e o som, nossa tentativa é revidar invalidações, preconceitos, reducionismos e negacionismos como o ex-Ministro da Educação de um governo anterior tentava fazer em

⁷ O Mundaréu integra uma rede de dezenas podcasts de Antropologia e Ciências Sociais, a Rádio Kere-kere. <https://radiokerekere.wordpress.com/>

relação à nossa área – e como deixamos registrado na epígrafe deste texto. O *Mundaréu* bem-vinda todo mundo que quiser contar, fazer, ouvir e entender Antropologia.

REFERÊNCIAS

CONTREIRAS, Melissa. [“Tá vendo o que eu tô falando? Reflexões sobre a escuta ativa e as performances da voz no contexto educacional durante a pandemia da Covid-19”](#). *Caos, Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 1(28), pp. 163-181, 2022.

FERRARI, Anita; MANICA, Daniela; FLEISCHER, Soraya. [“Sonoridades, escutas e aprendizados de Antropologia com o uso de podcasts em sala de aula”](#). *Illuminuras* 24(64), pp. 220-240, 2023.

FLEISCHER, Soraya. [“O podcast como um local para fazer ouvir sua voz”](#). Prefácio do livro *Feminismos e Podcasts*. HACK, Aline (Org.). *Blimunda*, 2023.

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. “O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública”. In: Soraya Fleische. (Org.). [Na cozinha da antropologia](#). Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2023, pp. 309-320

KURRLE, Arthur Uihôa. [“Deslocando vozes e ouvidos: Criando e experimentando um podcast como recurso didático”](#). *Três pontos* 18(1), pp. 14-20, 2021.

PLANALTO, Irene do. [“Conflitos e transgressões: Podcast como ferramenta de ensino”](#). *Revista Textos Graduados* 9 (1), 2023, pp. 16–28.

RIBAS, Pedro; NORONHA, Ana. [“Podcasts em sala de aula”](#). *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 9(16), pp. 1-17, 2022.

Artigo submetido ao sistema de similaridade